



PLURALIZAR AS DIFERENÇAS:

RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA EM GÊNERO, SEXUALIDADE E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Eixo Temático 14 – Gênero e Sexualidade na Formação Docente no Brasil / Axis 14 - Gender and Sexuality in Teacher Education in Brazil (Online)

Renata Miranda Souza ¹

Diego Matos Araújo Barros ²

Mário Lucas Alves dos Santos ³

Vinicius Mascarenhas dos Passos ⁴

Marcos Lopes de Souza ⁵

RESUMO

Este texto é um relato de experiência do minicurso “Pluralizar as diferenças: as interfaces entre gênero, sexualidade e relações étnico-raciais”, realizado durante a XX Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira da UESB, em 2024. Esta atividade configurou-se como um espaço de reflexão crítica sobre a interseccionalidade. Todos os/as participantes tinham contato prévio com os temas e não foram apontadas dificuldades na compreensão dos conceitos abordados. Os impactos foram positivos, com destaque para o fortalecimento identitário e ampliação do letramento racial. Foi sugerida a continuidade e expansão do minicurso para escolas e universidades, evidenciando a importância de iniciativas que valorizem as diferenças e o processo de inclusão.

Palavras-chave: Gênero, Sexualidade, Relações Étnico-Raciais, Relato de Experiência, Formação.

¹Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - BA. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidade e Relações Étnico-Raciais (ACUENDAÇÕES/UESB) - BA, renata.smiranda@outlook.com, Apoio:CAPES.

² Doutorando em Educação Científica e Formação de Professores pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – BA. Mestre em Ensino e Formação Docente e em Humanidades, ambos pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira–CE. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidade e Relações Étnico-Raciais (ACUENDAÇÕES/UESB) - BA, 2023f0159@uesb.edu.br, Apoio:CAPES.

³ Mestrando do Programa em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC), com área de concentração em Relações Étnicas, Gênero e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidade e Relações Étnico-Raciais (ACUENDAÇÕES/UESB) – BA, mls.lukas@hotmail.com, Apoio:CAPES.

⁴ Licenciado em Ciências Biológicas, mestre e doutorando em Educação Científica e Formação de Professores pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Jequié (BA). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidade e Relações Étnico-Raciais (ACUENDAÇÕES/UESB) - BA. E-mail: vini-mascarenhas@hotmail.com, Apoio:CAPES.

⁵ Pós-doutorado em Educação. Professor Pleno do Departamento de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Docente permanente dos Programas de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores (PPGECFP) e de Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC), marcos.lopes@uesb.edu.br.

Este relato de experiência tem o objetivo de refletir sobre os sentidos formativos vivenciados no minicurso “Pluralizar as diferenças: as interfaces entre gênero, Sexualidade e Relações Étnico-Raciais”, realizado durante a XX Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira e promovido pelo Órgão de Educação e Relações Étnicas (ODEERE) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). De maneira crítica e interseccional, a atividade se propôs a discutir os atravessamentos entre gênero, sexualidade e relações étnico-raciais a partir de uma abordagem voltada à pluralidade das experiências humanas e às desigualdades estruturais que marcam essas categorias sociais.

Para isso, apoiamo-nos na noção de interseccionalidade, compreendida por Collins e Bilge (2021) como uma ferramenta analítica fundamental para compreender como diferentes marcadores sociais, como gênero, raça/etnia, sexualidade, nacionalidade, entre outros, se entrelaçam de maneira interdependente e moldam diferentes desigualdades e estruturas de poder na sociedade. Tal abordagem nos permite ter uma leitura mais complexa das dinâmicas sociais e das experiências de sujeitos/as historicamente marginalizados/as, o que pode contribuir para práticas educativas mais inclusivas e críticas.

Associado a esse olhar, adotamos como referência a perspectiva de Larrosa (2002) acerca da experiência, compreendida para além da vivência cotidiana como “aquilo que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (Larrosa, 2002, p. 21). Trata-se, portanto, de um acontecimento formativo que vai além da simples aquisição de conteúdos teóricos. Nesse sentido, este texto busca registrar e interpretar os efeitos políticos, subjetivos e formativos de uma vivência que possibilitou deslocamentos e produziu sentidos nos/as participantes.

A metodologia adotada consistiu na aplicação de um questionário aberto aos/as participantes do curso, bem como na escuta de alguns relatos compartilhados durante os encontros. As respostas obtidas possibilitaram observar a diversidade dos/das sujeitos/as envolvidos/as, assim como os efeitos da ação formativa. Com base nessas contribuições, foi possível analisar de que forma os conteúdos abordados foram recebidos, ressignificados e articulados às vivências pessoais e acadêmicas dos/das participantes.

Ao longo do texto, os dados coletados serão apresentados e discutidos à luz dos pressupostos teóricos aqui delineados. Por fim, serão expostas considerações sobre a

ITINERÁRIO INVESTIGATIVO: ESCUTA, PRESENÇA E ACONTECIMENTO FORMATIVO

A construção metodológica deste relato partiu da escuta atenta e implicada das vivências compartilhadas no minicurso “Pluralizar as Diferenças: as interfaces entre gênero, sexualidade e relações étnico-raciais”, promovido pelo ODEERE/UESB. Assumimos aqui uma abordagem qualitativa e interpretativa, orientada por princípios da experiência, inspirada em Larrosa (2002; 2017), compreendendo a experiência como aquilo que nos atravessa, nos marca e nos transforma enquanto sujeitos em formação.

A escolha do minicurso como campo de pesquisa se justifica por seu caráter formativo, entendido como espaço de co-construção de sentidos e transformação dos participantes. Para Larrosa (2002; 2017), a experiência formativa é um processo dinâmico de reconfiguração e ressignificação de práticas a partir da interação com o saber. Assim, o minicurso se configura como espaço co-formativo, ao estimular a reflexão crítica sobre normas, crenças e práticas naturalizadas, favorecendo o pensamento crítico e o engajamento com a mudança social.

Para a produção das informações, utilizamos um questionário com perguntas abertas, aplicado aos/às participantes ao final do minicurso, e registramos as falas espontâneas que emergiram durante os encontros. As respostas revelaram dimensões subjetivas, afetivas e políticas da experiência formativa, permitindo acessar sentidos produzidos a partir da interação entre os conteúdos trabalhados e as trajetórias dos sujeitos. Cada participante foi identificado/a por um código alfanumérico (E1, E2, etc.), de modo a garantir o anonimato e a ética na exposição dos relatos.

O público participante foi composto por uma diversidade de sujeitos/as quanto à identidade de gênero, raça/etnia e ocupações profissionais, incluindo estudantes, professores/as, artistas, agentes de saúde e pesquisadores/as. Essa pluralidade possibilitou o aprofundamento da proposta interseccional do curso, articulando diferentes perspectivas e realidades às temáticas debatidas. Embora mais de cinquenta pessoas tenham se inscrito, a frequência oscilou consideravelmente, revelando tanto o interesse inicial quanto os desafios institucionais de manutenção do engajamento em ações que tensionam normas e convicções naturalizadas.



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro, Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



EXPERIÊNCIA, INTERSECIONALIDADE E TRANSFORMAÇÃO: QUANDO A FORMAÇÃO NOS TOCA

A experiência do minicurso, à luz de Jorge Larrosa (2002), configurou-se como um processo formativo que vai além da simples aquisição de conhecimentos: foi um acontecimento capaz de tocar, transformar e afetar profundamente. Para o autor, a experiência é ainda:

[...] a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes (Larrosa, 2002, p. 24).

Por ser subjetiva, a experiência demanda atenção àquilo que compõe nossa própria sensibilidade e identidade. Mais do que transmitir conteúdos, essa vivência constituiu-se como espaço formativo de mobilização crítica e subjetiva, como revelam os relatos produzidos ao longo da atividade.

Os dados fornecidos pelos/as participantes no questionário revelam um grupo diverso em termos de gênero, raça/etnia e ocupações profissionais, o que reforça o caráter interseccional da proposta. A diversidade étnico-racial evidenciou como os diferentes marcadores sociais se articulam e produzem vivências singulares e compreensões distintas sobre as temáticas abordadas. Nesse contexto, a interseccionalidade permitiu visibilizar as formas subjetivas pelas quais sujeitos racializados experienciam a sexualidade e os processos educativos.

Logo no primeiro dia do minicurso, debatemos sobre a origem e os significados atribuídos ao termo interseccionalidade. Um dos autores deste trabalho, que também atuou como ministrante do minicurso, relatou que, na condição de homem negro e gay, percebe que a escola ainda exerce uma vigilância mais intensa sobre suas atitudes e sobre a relação de afeto que mantém com seus/suas alunos/as, em comparação com outros professores da instituição.

Ao longo das atividades, suas contribuições evidenciaram uma preocupação recorrente com estigmas relacionados à hipersexualização e ao silenciamento de vivências desde a infância, revelando como raça e sexualidade se entrelaçam de maneira complexa em suas experiências como educador. Essa discussão abriu espaço para que



outras experiências fossem comparadas com as das professoras, na condição de cursista, que evidenciou como a escola ainda se mostra resistente a ouvi-la, principalmente quando ela tenta fomentar debates sobre as temáticas de gênero e sexualidade no ambiente escolar.

Como afirma Foucault (2012), a escola, enquanto instituição moderna, exerce um controle contínuo sobre os corpos, estabelecendo normas e punindo, ainda que simbolicamente, aqueles que se desviam dos padrões socialmente instituídos. Esse controle é ainda mais intenso sobre corpos dissidentes, que não se enquadram na lógica heteronormativa e eurocentrada. Em diálogo com essa perspectiva, hooks (2020) destaca como vozes marginalizadas têm sido silenciadas na escola e argumenta que o afeto e a escuta, quando compreendidos como práticas libertadoras, desafiam essa lógica disciplinadora, ainda que o afeto, especialmente quando parte de corpos negros e dissidentes, seja alvo de maior vigilância.

Quanto à ocupação, destacou-se a pluralidade de atuações entre os/as participantes, incluindo artistas, pesquisadores(as), professores(as), estudantes e agentes comunitários de saúde. A diversidade de trajetórias profissionais presentes no grupo aponta para o alcance ampliado do minicurso, que conseguiu dialogar com diferentes áreas e realidades sociais. No entanto, apesar da diversidade e das mais de 50 inscrições recebidas, observou-se uma queda significativa na participação ao longo dos encontros. No primeiro dia, estiveram presentes cerca de 25 pessoas, número impulsionado pela participação de uma turma do curso de Letras, acompanhada por um professor em seu horário regular de aula.

No segundo dia, entretanto, o público foi reduzido a aproximadamente oito participantes. Acreditamos que essa baixa adesão pode estar relacionada com a sobrecarga de atividades enfrentada pelos/as estudantes e pela resistência ou desinteresse diante das temáticas abordadas, o que por si só já aponta para desafios importantes na inserção crítica desses debates no espaço acadêmico.

Ainda nesse aspecto, a escolha pelo minicurso foi justificada por motivações que vão desde ao interesse acadêmico até a busca por autoconhecimento, reconhecimento identitário e ferramentas para a atuação crítica em espaços institucionais. Uma das respostas dadas ao questionário por E4 ilustra bem esse ponto: *“Para que eu possa ter leitura racial e tenha embasamento para nos defender”*, evidenciando que o minicurso foi compreendido como uma oportunidade de fortalecimento político, teórico e afetivo.



Outro dado relevante é que os/as participantes relataram contato prévio com as temáticas abordadas, principalmente por meio de programas e cursos de extensão do ODEERE/UESB. Esse fator contribuiu para que o minicurso operasse também como um espaço de aprofundamento e troca de saberes, o que se refletiu em pouca dificuldade na compreensão dos conceitos apresentados. A clareza na abordagem e a interseção com as vivências presentes favoreceram um processo formativo fluido, no qual os/as sujeitos/as se reconheceram nos conteúdos e se sentiram instigados a problematizar suas práticas.

Nesse sentido, enquanto sujeitos/as da experiência, Larrosa (2002, p. 24) nos convida a sermos como um território de passagem, sensível àquilo que nos afeta, produz afetos, deixa marcas e gera efeitos. Para o autor, “o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura”. Para que a experiência nos toque e nos atravesse, é necessário estarmos abertos/as e expostos/as.

Quando questionados/as acerca da contribuição do minicurso para suas compreensões e trajetórias, os(as) participantes destacaram efeitos como: letramento racial, ampliação do repertório teórico, fortalecimento identitário e apropriação crítica dos conceitos. Uma das respostas nos chamou atenção:

“Sim, pessoas próximas falando sobre o tema, acaba por fazer com que eu me reconheça, me identifique nas abordagens, isso funciona!” (E1, questionário).

Este tipo de enunciado reforça a concepção larrosiana de experiência como aquilo que nos afeta e nos transforma. Esse saber se inscreve no corpo e na linguagem, indo além do meramente informativo. Dessa forma, a experiência confere sentido à educação, pois educamos não apenas para transmitir o que já sabemos, mas para transformar o conhecimento. Contudo, embora a experiência do outro possa servir como base para a curiosidade e identificação, mesmo que vivências semelhantes sejam compartilhadas, a experiência permanece individual e subjetiva, não atravessando os/as sujeitos/as da mesma maneira (Larrosa, 2002; 2017).

As sugestões de continuidade e ampliação da ação também revelam o impacto da vivência formativa. Os/as participantes, por exemplo, sugerem a integração do minicurso a práticas escolares e a oferta de novos módulos, apontando para a necessidade de maior



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade

V Seminário de Gênero, Sexualidade e Sustentabilidade



articulação entre a Universidade e a Educação Básica. O questionamento feito por EL “*Existe um currículo comprometido em acolher a criança ou o jovem e a sua dissidência?*” ressalta o desejo de que a formação interseccional chegue aos espaços cotidianos da vida, especialmente à escola, tradicionalmente marcada por silenciamentos e exclusões.

Dessa forma, as informações constituídas durante o minicurso revelam que esta atividade mobilizou para pensar uma prática pedagógica experiencial, afetiva e crítica. A experiência permeou os/as sujeitos/as de maneira a provocar deslocamentos, reconhecimentos e o desejo de continuidade, com a construção de conhecimentos legítimos e interseccionais. Em consonância com Larrosa (2002), esta vivência que nos afetou, tanto os/as participantes quanto os/as ministrantes, sendo justamente esse “acontecer” o que marca o que, na educação, pode efetivamente formar.

ENCERRAR É TAMBÉM ABRIR: ENSAIO DO FUTURO A PARTIR DO PRESENTE

O minicurso intitulado “Pluralizar as Diferenças: As Interfaces entre Gênero, Sexualidade e Relações Étnico-Raciais” demonstrou-se uma experiência formativa significativa, perpassando o aprofundamento teórico, mas também tocou os/as participantes em suas subjetividades, cumprindo o que Larrosa (2002) descreve como o caráter transformador da experiência. Ao interseccionar as temáticas de gênero, sexualidade e relações étnico-raciais a formação foi capaz de provocar importantes reflexões críticas como as múltiplas opressões se estruturam as múltiplas desigualdades sociais, ao mesmo tempo em que fortaleceu a identidade e o letramento racial dos/das participantes.

O minicurso se constituiu como um espaço formativo, de diálogo e troca de saberes, que estimulou os/as sujeitos/as a se reconhecerem nas temáticas abordadas e a refletirem sobre suas próprias práticas e trajetórias. A ausência de dificuldades significativas na compreensão dos conteúdos reflete o cuidado e a clareza na construção do conhecimento, enquanto a sugestão de continuidade e ampliação do minicurso reforça a relevância dessa proposta em diferentes espaços e contextos educativos.

Assim, conclui-se que a vivência proposta foi capaz de tocar e transformar os/as sujeitos/as envolvidos/as, ampliando suas compreensões sobre a diversidade e as relações interseccionais. Como nos lembra Bondía (2002; 2017), a experiência não se refere à



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



simples acumulação de saberes, mas que se transforma e nos coloca em movimento. Nesse sentido, iniciativas formativas como esta se mostram fundamentais para a construção de uma educação mais inclusiva, crítica e sensível às complexidades que atravessam o cotidiano escolar.

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa contou com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio de bolsas de mestrado (primeira e terceiro autores) e de doutorado (segundo e quarto autores), às quais agradecemos.

REFERÊNCIAS

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. 40. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020. v. 2.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20–28, jan./abr. 2002.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.